

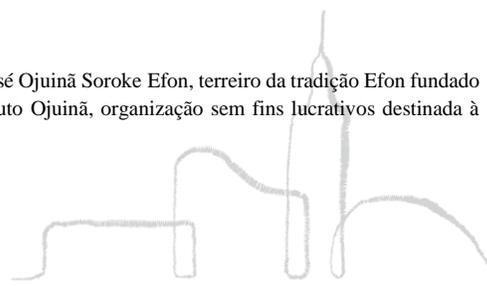
OS TRAJES DO CANDOMBLÉ EFON

Brasil, Luan; Mestrando; Universidade de São Paulo, luanbrasil@usp.br¹

RESUMO

A partir da prática litúrgica e ritual do candomblé emergem diversas visualidades e performatividades que se materializam no dia a dia de vários terreiros brasileiros e variam conforme cada tradição religiosa, conhecidas também como nações. Entre essas visualidades, destaca-se o traje, que vai além do simples vestir, cumprindo uma função ritual, de identificação e de manutenção de uma cultura que se origina a partir de diversas motrizes culturais, entre elas e principalmente, as africanas. A variação desses trajes e formas de vesti-los em cada tradição nos permite observar algo frequentemente negligenciado por grande parte da população: a riqueza cultural, visual, performativa e religiosa presente nos vários candomblés do Brasil. Este breve artigo pretende esclarecer uma pequena parcela dessa generalização a partir da investigação e análise de alguns dos trajes do Ilê Asé Ojuinã Soroke Efon, terreiro da nação Efon, onde o autor foi iniciado ainda criança e hoje atua como um dos sacerdotes. Essa tradição religiosa se iniciou no Brasil por volta de 1880, quando Iyá Adebolui (s.d.-1935) e Babá Irufá (s.d.-1909), ambos negros escravizados da região de Efon Alaaye, foram trazidos para o continente sul-americano em decorrência da diáspora africana. Os trajes e vestimentas dessa tradição possuem especificidades intrinsecamente relacionadas ao culto do orixá Oloroke, patrono dessa nação. As práticas litúrgicas de um terreiro e, por consequência, suas visualidades, se constroem e reconstroem em si mesmas de maneira espiralar e demonstram que o sentido de tradição que as cobre só se materializa a partir da vivência dos grupos que as mantêm vivas. A fim de entender como e porque essas práticas litúrgicas e as vivências da comunidade afetam a construção e formas de vestir dos trajes do candomblé Efon - que podem apresentar características específicas que os diferenciam das práticas de outros candomblés - analisaremos alguns desses trajes e suas formas de vestires no terreiro citado anteriormente. Esse estudo se viabiliza com a ótica de que uma tradição é efêmera, passível de transformações e que só adquire seu significado pleno quando se refere a uma dimensão espaço temporal da experiência do grupo que as preserva. Para a realização deste trabalho utilizaremos como pilares principais a obra "Corpo a Corpo: Estudo das Performances Brasileiras" de Zeca Ligiero para entender e conceituar o candomblé

¹Luan Brasil é pesquisador de religiões de matriz africana com foco em suas performatividades e Babaegbé do Ilê Asé Ojuinã Soroke Efon, terreiro da tradição Efon fundado em 2002. É mestrando no Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da USP e vice-presidente do Instituto Ojuinã, organização sem fins lucrativos destinada à conservação do patrimônio material e imaterial de religiões de matriz africana.



como religião e performance cultural afro-brasileira; os estudos da Professora Leda Maria Martins concretizados na obra "Performances do Tempo Espiral, Performances do Corpo-Tela" para uma compreensão das mudanças e manutenções da tradição através da oralidade; a obra "Traje de Cena, Traje de Folgado" dos pesquisadores Fausto Viana e Carolina Bassi para auxiliar na análise dos trajes; bem como os mitos ou "itans" sobre o orixá Oloroke, transmitidos através da oralidade por sacerdotes mais velhos dessa prática religiosa. As referências são: LIGIÉRO (2011); VIANA E BASSI (2014); MARTINS (2021).

Palavras-chave: Traje Ritual; Candomblé Efon; Orixá Oloroke.

